

***Cattleya intermedia* Graham – Status ambiental, algumas histórias e algumas idéias para a sua preservação no habitat**

Hélio Tessmer

Rua Cel. Genuíno Sampaio, 70

CEP 93520-350 Novo Hamburgo – RS

e-mail: htess@sinos.net

***Cattleya intermedia* Graham – Ambiental status, some histories and some ideas for its preservation at the habitat**

Abstract: This work does some observations about the habitats of *C. intermedia*, its atual situation and suggestions for its recuperation with emphasis to the coastline of Rio Grande do Sul state in Brazil.

Resumo: São feitas observações sobre o meio ambiente e habitats da *C. intermedia*; observações de campo sobre o estado atual de habitats e sugestões para recuperação dos mesmos com ênfase para o litoral do estado do Rio Grande do Sul / Brasil.

Em excursão no Rio Grande do Sul sob os auspícios do Fundo Regnelliano da Real Academia das Ciências da Suécia, este notável botânico faz uma histórica descrição da vegetação típica dos habitats da *Cattleya intermedia*. Sua obra foi publicada em sueco em 1900 e em português em 1906 com tradução de Alberto Löfgren.

“...Convem mencionar que esta formação de brejo, tão especialmente localizado, possui algumas plantas características do terreno baixo e brejoso entre os rios Uruguay e Paraná ... tão ricas em lugares pantanosos. Uma destas plantas é a corticeira ... árvore que em quantidade cobre as margens baixas e pantanosas do curso inferior do Rio Paraná. Na varzea do Gravatahy haviam esta e algumas outras árvores baixas e contorcidas, espalhadas e raras sobre o campo humido, mas ricamente ornadas de epiphytas (como é vulgar nos lugares úmidos do Rio Grande), especialmente grandes massas de *Cattleya intermedia* Graham, uma das espécies de maiores flores entre as orchideas deste estado (petalas e sepalas violáceo-vermelhas).”

Lindman, C.A.M – Relato botânico de viagem ao Rio Grande do Sul de 1892 a 1894 [1]

Introdução e elegia à *Cattleya intermedia*

A *Cattleya intermedia* é uma orquídea outrora tão abundante e popular na região litorânea do Estado do Rio Grande do Sul bem como na região metropolitana de Porto Alegre, que praticamente passou a fazer parte do folclore gaúcho. Nas tradicionais fazendas junto ao habitat e nos centros urbanos litorâneos era comumente usada como planta decorativa nas árvores junto as residências. Enquanto abundante foi muito retirada, chegando até a servir de enfeite de túmulos em cemitérios no dia dos finados (as plantas com as flores geralmente). Mas, sem dúvida, o vetor causador da maior parte da destruição histórica dos habitats foi a ação do homem com as atividades agropecuárias sem levar em consideração os ecossistemas e toda excepcional riqueza da flora e fauna nativas, arrasando os ambientes sem dó nem piedade para formação de lavouras e pastagens. Hoje há grande expansão imobiliária no litoral

o que também afeta o que resta da flora nativa.

Entre os orquidófilos sulistas a *C. intermedia* desperta uma verdadeira paixão, podendo-se compará-la com a que os gaúchos dos pampas tem por uma bela prenda (moça bonita). Na opinião do autor deveria ser a flor símbolo do Estado – o Decreto Estadual n.º 38.400, de 16/04/1988 estabeleceu como tal o brinco de princesa *Fuchsia Régia*(Vell)Munz, uma escolha que deveria ser revista em referendo popular de forma abrangente e com a devida publicidade dos atributos das flores concorrentes.

No Japão foi publicada uma belíssima monografia da espécie por Jiro Miura [2], a qual infelizmente não tem tradução para o português. Outras publicações e artigos que ilustram a diversidade de variedades da *C. intermedia* são “*Cattleya Species*” de Okada et al [3]; artigos em revistas de Lou C. Menezes [4] e Carlos Gomes [5] [6], o último publicado na revista “Orquidário” em 2007 com uma proposta de classificação de variedades

O seu clone natural mais famoso, a *C. intermedia aquinii* I, encontrada provavelmente em 1874 [7] nas imediações de Porto Alegre levou a espécie a ter renome internacional pela sua beleza e perfeição. Híbridos da C.i. *aquinii* com outras *cattleyas* tem sido feitos a muito tempo, nos quais ela transmite o belo colorido flameado [8]. Modernamente suas características são aproveitadas em vários dos híbridos de *cattleyas*, destacando-se entre outras as miniaturas produzidas no Japão como a *Lc Mini Song “Petite”* BM/JOGA e a *Lc Tropical Song “Frevo”* [9].

O livro “A Jóia Da Bruxa” de Heitor Gloeden [10] conta pitorescas histórias de como foram encontrados e trazidos ao meio orquidófilo brasileiro alguns clones naturais famosos da *C. intermedia*.

Características dos habitats de *C. intermedia*

A espécie é encontrada em muitos locais do litoral gaúcho desde a divisa com o estado de Santa Catarina em Tôrres até o município de Rio Grande na divisa com o município de Santa Vitória do Palmar. A região litorânea tem morfoestrutura de depósitos sedimentares em amplas superfícies geralmente planas e baixas, oriundos dos ambientes marinhos, fluviais e lagunares. A formação de restingas isolou do Oceano Atlântico grandes porções líquidas formando dezenas de lagoas de água doce, com destaque para as lagoas dos Patos (uma das maiores do mundo), Mirim, Mangueira e Barros. Rios provenientes da área planáltica e limítrofes deságuam no lago Guaíba (Rios Gravataí, Sinos, Jacuí, Caí) e em lagoas (Rio Camaquã). A *C. intermedia* encontra-se dispersa em meio a dois tipos básicos de vegetação litorânea – a do limiar sul da Floresta Atlântica com sua magnífica diversidade e convivendo com diversas orquídeas decorativas como a *Laelia purpurata*, *Cattleya leopoldii*, *Oncidium* sp e outras, e a vegetação característica de “áreas de formação pioneiras com influência fluvial, marinha (restinga) e flúvio-marinha (mangue)” (IBGE – [11]). Habita as enseadas com extremidades salientes de rochas graníticas como no Parque de Itapuã em Porto Alegre; a beira de lagoas e rios em antigas figueiras (*Ficus organensis*), dunas, cactus (*Cereus uruguayensis*) e outras árvores; os banhados com corticeiras (*Erythrina crista-galli*); os campos úmidos com butiazeiros (*Butia capitata*) e palmeiras jerivá (*Syagrus romanzoffiana*). Quase sempre a *C. intermedia* cresce junto a bromélias (*Tillandsia usneoides* e *Aechmea recurvata*), efédras (*Ephedra* sp), líquens, cipós e samambaias, formando belos conjuntos florais, variáveis conforme a situação do nicho onde encontram-se.

AMÉRICA DO SUL



RIO GRANDE DO SUL



Carine azambuja

Figura 1: Localização e situação com indicação dos ventos predominantes para Porto Alegre

Da formação geológica e vegetativa dos habitats – O litoral gaúcho formou-se influenciado em sua história geológica recente – final do Pleistoceno (período quaternário da era Cenozóica) por várias flutuações do mar – quatro grandes transgressões marinhas, com o nível oscilando até 70 m abaixo do atual, com mostra o belíssimo *Atlas Ambiental de Porto Alegre* [12]. A morfologia costeira foi delineada nos últimos 400 mil anos com a formação do “complexo da restingas” surgindo na última etapa as restingas, cordões arenosos e terraços lacustres. Assim também surgiram as grandes lagoas dos Patos, Mirim, Mangueira e o lago Guaíba. Pelo litoral vindo de Santa Catarina migraram várias espécies vegetais da Mata Atlântica como figueiras, e na região de Porto Alegre acreditamos também as espécies ancestrais da *C. intermedia* – veja-se sua semelhança com outras cattléyas bifoliadas como a *C. loddigesii* e a *C. forbesii* do sudeste do Brasil. Será a *C. intermedia* forma anterior àquelas duas por ter dispersão na área litorânea maior? Formou-se vegetação caracterizada como “floresta ombrófila densa de terras baixas – mata com figueiras em restingas com butiás e cactáceas”[12]. Nos solos de depósitos sedimentares tipo “glei úmico” e “planossolo”[12] e em sua vegetação de terras baixas, aluviais, de terraços fluviais e depósitos deltaicos, nos cordões arenosos onde as figueiras dominam predomina o habitat da *C. intermedia*, juntamente aos campos próximo às lagoas e onde acham-se banhados com corticeiras e também butiazeiros, palmeiras e cactáceas.



Figura 2: *C. intermedia* no habitat

Características climáticas dos habitats – A *C. intermedia* aprecia como a maioria das orquídeas muita claridade, forte circulação de ar e a condensação de umidade noturna na forma de orvalho. O clima é do tipo subtropical húmido, o Rio Grande do Sul está em zona de transição climática em que massas de ar tropical marítimo mais freqüentes no verão alternam-se com massas de ar polar marítimo no inverno, com grande variabilidade nos elementos climáticos ao longo do ano. Alguns dados típicos do clima medidos em Porto Alegre segundo o *Atlas Ambiental de Porto Alegre* [12] e que está inserida em pleno habitat a 30° de latitude sul estão abaixo discriminados, sendo a média dos elementos climáticos a longo prazo (1912-1997):

Temperatura média do ar: 19,4 °C

Temperatura máxima média do ar: 24,9 °C

Temperatura mínima média do ar: 15,2 °C

Umidade relativa do ar: 76 %

Insolação – duração anual: 2.310 horas

Precipitação de chuva anual: 1.324 mm

Nº de dias de chuva anual médio: 135 dias

Outro item importante é a frequência dos ventos – em média 53% do tempo predominam os ventos vindos do Oceano Atlântico com 22 % para E (leste), 17 % para ESE (leste-sudeste) e 14 % para SE (sudeste), o que pode ser considerado na dispersão de sementes das plantas na formação de corredores ecológicos.



Figure 3: Capela do Taim em Rio Grande, junto ao habitat de *C. intermedia*

Situação atual dos habitats – Os belíssimos cenários das floradas de *C. intermedia* nos habitats naturais vislumbrados pelos viajantes europeus pelo Rio Grande do Sul no séc. XIX hoje são raros na região litorânea deste estado. Muito foi destruído com a alteração do ambiente por atividades agropecuárias - drenagem dos banhados para formação de lavouras e açudes – especialmente para cultivo de arroz irrigado e formação de pastagens; com a retirada indiscriminada de plantas; com a ampliação das zonas balneárias, implantação de sítios, estradas, retirada de dunas, destruição das matas ciliares. Os ambientes ricos em biodiversidade do trecho meridional da mata Atlântica continuam em degradação. A *C. intermedia* ainda não corre risco de extinção no Rio Grande do Sul porém sua presença em locais antes ricos reduz-se ano a ano – constatamos que continua a ser coletada indiscriminadamente. Outras espécies sofrem grande risco como a *Laelia purpurata* que já é difícil de ser encontrada. Há 50 anos passados, quando os habitats preservados ainda eram extensos, artigos e documentários fotográficos na revista ORQUÍDEA em 1958 e 1963 (E. Gardolinski) [13][14] já alertavam para a destruição ambiental dos habitats da *C. intermedia* no litoral gaúcho.



Figure 4: Corticeira com *C. intermédia* e outras epífitas

Um pouco de história – Na década de 1970 quando jovem estudante em Porto Alegre visitava orquidófilos com meu irmão Osmar – o responsável por contaminar-me com este vício incorrigível que é a orquidofilia – e tive oportunidade de conhecer alguns ícones da arte como o Dr. Walter Haetinger pioneiro gaúcho na reprodução por sementes de clones naturais e seus cruzamentos. Até seu falecimento posteriormente trabalhou por mais de 40 anos aperfeiçoando com excelentes resultados alguns dos melhores clones não só de *C. intermedia* como também de *Laelia purpurata*. Entre as plantas que produziu estão as belíssimas variedades de *C. intermedia* **aquinii coerulea** e **aquinii suavíssima**, e que causaram sensação no meio orquidófilo no seu surgimento. Após atuei profissionalmente até meados da década de 1980 no litoral sul do Rio Grande do Sul e pude observar mais atentamente os habitats da *C. intermedia*. Meus amigos achavam-me um doido quando passava metade de um dia sumido dentro de banhados somente acompanhado de uma fiel máquina fotográfica Minolta – dificilmente algum se atrevia comigo a correr riscos e desconfortos por causa daquelas flores. Mas confesso que adorava aquelas aventuras e pude presenciar algumas das cenas naturais mais belas que já vi em minha vida, especialmente quando a floração da *C. intermedia* atingia seu auge. As fotos mostradas neste artigo são desta época. Em Pelotas conheci o saudoso orquidófilo Arno Lange, apaixonado cultivador da espécie e incansável explorador de banhados na procura de plantas diferenciadas, e onde em certa ocasião quase perdeu a vida numa destas empreitadas, atacado por um enxame de abelhas africanas. Foi ele o revelador da magnífica *Cattleya leopoldii* var. *albina* 'Cetro de Esmeraldas'. Com a experiência de campo daqueles anos fica o sentimento de que os habitats não podem mais ser destruídos, devendo

ser preservados e até resgatados mesmo que parcialmente, o que seria possível em diversos casos. Em geral estes locais muito representam em termos de mananciais, de fauna e flora sem citar o aspecto paisagístico e cultural.



Figura 5: Variedades encontradas em habitat nicho

Algumas observações de campo

Alguns fatos observados em campo:

- Em nichos preservados de *C. intermedia* no município de Rio Grande que tivemos o privilégio de conhecer na década de 1980, encontramos em área menor de um hectare diversas variedades de colorido, por exemplo, num local havia *C. intermedia* tipo, semi-alba, vinicolor, orlata; noutro local *C. intermedia* tipo, ametistina (coerulea), suave e pseudo-tipo (figura 5). Isto é uma prova de quão ricos eram os habitats originais da espécie naquele município.

- Em matos de corticeiras com abundância de *C. intermedia* nas pequenas mudas de árvores que cresciam próximas ao mato encontramos muitos seedlings de *C. intermedia* – importância da propagação pelo vento em corredores ecológicos.

- Em campos úmidos e a jusante de represas e taipas de açudes é fácil plantar corticeiras e reintroduzir *C. intermedia* formando belos nichos ecológicos. O mesmo pode ser feito com o plantio de figueiras e butiazeiros.



Figura 6: Habitat destruído por afogamento

- Para a formação de uma determinada lavoura de arroz irrigado foram construídos um açude e canais que acabaram destruindo vários hectares de um riquíssimo habitat de *C. intermedia* e muitas outras plantas por afogamento – figuras 6 e 7. A mata nativa acompanha uma fímbria de dunas onde acima localiza-se um açude supridor de água para as lavouras. Paralelamente ao mato foi feito um canal de irrigação elevado com aterro o qual represou o terreno natural entre o canal e a duna, afogando as árvores. Caso houvesse um planejamento prévio ambiental este desastre poderia ser evitado, com a instalação de um sistema de drenagem da água represada a montante na mata nativa para o campo a jusante (no outro lado do canal), evitando o alagamento da área entre o canal e a fímbria de dunas. No local deste desastre ecológico exemplificado constatamos que a *C. intermedia* em algumas touceiras ainda vivas, tinham muitas flores que exalavam um delicioso perfume como que tentando desesperadamente acionar agentes polinizadores que lhes fecundassem e permitissem lançar sementes para garantir a sobrevivência futura. Verificamos também o incrível índice de seedlings crescendo até em pequenos pés de corticeira não atingidos pelo represamento. Isto nos fez ver o quanto a natureza é vigorosa e luta pela sobrevivência nos seus nichos ecológicos.

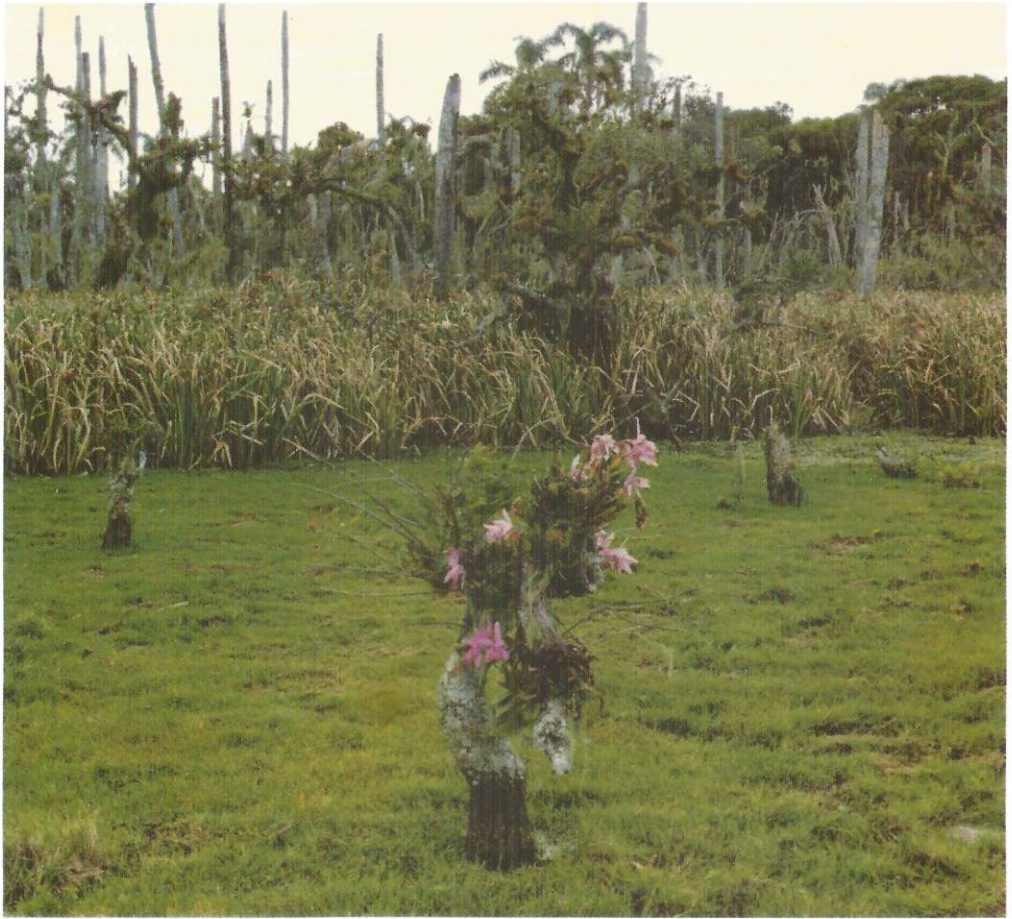


Figura 7: Habitat destruído por afogamento

Medidas devem ser tomadas

“Todos tem direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, impondo-se o Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo, preservá-lo e restaurá-lo para as presentes e futuras gerações, cabendo a todos exigir do Poder Público a adoção de medidas neste sentido.”

Constituição do Estado do RGS-1989-Cap.IV do Meio Ambiente-Art.251

A legislação do Brasil é rica em leis ambientais tanto a nível estadual como em âmbito federal (veja-se o Art. 225 – Cap. VI – Meio Ambiente da Constituição Federal) e estadual, mas na prática o que constata-se é uma realidade muito distante dos ricos preceitos jurídicos. No campo de forma geral as leis são letras mortas, o desconhecimento e/ou descumprimento delas é quase total pela população e mesmo por muitas autoridades. A importância da preservação de nosso meio ambiente quase não é notada, pois são raras as ações efetivas em prol de sua defesa. A questão envolve todo ecossistema – sua fauna e flora.

Algumas considerações e sugestões:

- **Educação Ambiental** – talvez o fator mais importante e onde tudo começa para iniciar a resolver os grandes problemas que o Brasil enfrenta em todas as áreas. O currículo escolar em todos níveis deve prescrever noções de proteção do meio ambiente com ênfase ao seu local de vivência, pois a situação de um habitat no litoral do Rio Grande do Sul é muito diferente do cerrado brasileiro por exemplo. Também os órgãos públicos relacionados aos agricultores e proprietários rurais devem salientar a importância da preservação do meio ambiente nativo, em especial as áreas íngremes, banhados e margens de meios aquáticos por exemplo.

- **Reflorestamento** de beiras de rios e lagos com espécies nativas, em especial as preferidas pelas orquídeas e outras epífitas e replantio por sementes e mudas nos locais mais adequados – árvores, matacões rochosos, dunas – nos últimos consorciado com outras espécies vegetais para não deixar as mudas nuas a pleno sol. Havendo conscientização da população e em especial dos proprietários de fazendas, sítios e dos empreendimentos de ocupação imobiliária do litoral do Rio Grande do Sul que avolumam-se em quantidade atualmente, muito pode ser feito na preservação do que resta de habitats e de sua restauração e mesmo implantação de jardins naturais com reintrodução da *C. intermedia* juntamente com suas árvores e epífitas de convivência preferidas. Os proprietários de sítios e fazendas podem reconstituir habitats e reintroduzir as espécies de plantas nativas. Ações deste tipo são um investimento que valoriza as propriedades.

- **Participação** dos órgãos públicos e governamentais, os quais devem incentivar a implantação de reservas particulares, visando a criação dos corredores ecológicos que favorecem toda a flora e fauna; ampliar a Reserva Ecológica do Taim, necessária para melhor preservar aquele riquíssimo e peculiar ecossistema. Entidades como o IRGA (Instituto Riograndense de Arroz) também devem colaborar, fomentando uma agricultura com gestão ambiental e no enfoque da ISO 14000.

Conclusão

Acreditamos que no caso específico da *C. intermedia* pode-se com relativa facilidade preservar seus habitats restantes e reconstituir outros atualmente degradados. Basta consciência ambiental, boa vontade e agir. A natureza favorece enormemente estas ações no litoral sul e trecho meridional da Mata Atlântica. A educação ambiental voltada a situação da própria região é certamente a mais eficaz medida. A interferência no meio ambiente de acordo com a legislação e bons preceitos da gestão ambiental garantirão a preservação desta belíssima espécie em seu habitat.

Referências Bibliográficas:

- [1] Lindman C.A. M.; Ferri, M.G. A Vegetação no Rio Grande do Sul. Coleção Reconquista do Brasil vol. 2: 61. Editoras Itatiaia e USP. São Paulo.1974.
- [2] Miura, Jiro M.A. e colaboradores associados – *Cattleya intermedia*. Japão. 1987.
- [3] Okada, H.; Hirota, T.; Wanaka, M. *Cattleya* Species. Sodo Publishing Co. Ltd. : 70-74. Tokyo. 2001.
- [4] Menezes, Lou C. *Cattleya intermedia* no auge do seu melhoramento genético. Boletim CAOB, nº 31(Jan / Mar): 4-10. São Paulo. 1998.

- [5] Gomes, Carlos. Proposta de Classificação das Variedades da *Cattleya intermedia* Graham ex Hooker. Revista "Orquidário", vol. 21, nº3 (Jul / Set): 101 - 120. Rio de Janeiro. 2007.
- [6] Gomes, Carlos. Cattleyas intermédias e Orquidófilos. Brasil Orquídeas, ano 01, nº 02 (Ago / Set): 64-69. São Paulo. 2002.
- [7] Fowlie, J.A. – The Brazilian Bifoliate Cattleyas and their Color Varieties. Azul Quinta Press. California. 1977.
- [8] Low, W. Eileen. Die zielbewusste Züchtung von Cattleyen mit dunklen Petalenspitzen. Die Orchidee, 17 (Oktober): 265-269. 1966.
- [9] Ejiri, Munekazu. Híbridos de Cattleya Miniatura Japoneses Modernos. In: Atas da 15ª Conferência Mundial das Orquídeas – RJ - 1996. : 113-115. Naturalia Publications. 1998.
- [10] Gloeden, Heitor. A Jóia da Bruxa e Outras Histórias de Orquídeas e Orquidófilos. Oscar Sachs Editor. : 115-127. Taubaté, SP. 1998.
- [11] IBGE – Geografia do Brasil – Volume 2 – Região Sul. Rio de Janeiro. 1990.
- [12] UFRGS/PMPA/INPE – Menegat, R.; Porto, M.L.; Carraro, C.C.; Fernandes, L.A.D. (Co-ordenadores) - Atlas Ambiental de Porto Alegre – Editora da UFRGS. Porto Alegre. 1998.
- [13] Gardolinski, Edmundo. Excursão ao Município de Palmares. Revista Orquídea, vol. 20, nº 2 (Mar. / Abr) : 90-93. Rio de Janeiro. 1958.
- [14] Gardolinski, Edmundo. *Cattleyas intermedias* na Fazenda do Bacupari e nas margens da Lagoa da Reserva (Rio Grande do Sul). Revista Orquídea, vol. 25, nº 5 (Set. / Out) :249-263. Rio de Janeiro.1963.



Futuro Fertil

Distribuidora dos Fertilizantes

Plant-Prod

- SEMENTES
- FERTILIZANTES
- HERBICIDAS
- INSETICIDAS
- TUBOS • ARAMES

**Linha orgânica,
Linha de irrigação,
Substratos etc...**

ST Irajá Agrícola Ltda. CNPJ 03.656.245/0001-60 I.E 77.046.984
Av. Brasil, 19.001 • Loja 2 e 4 • Pav. Manutenção • CEASA • Irajá
21530-000 Rio de Janeiro RJ • Tels. (21) 2471-2568 / 2471-2569
fernando.rezende@futurofertil.com.br